CHARLES RAY



UMA BIOGRAFIA DE SUSANNAH SPURGEON

CHARLES E SUSANNAH SPURGEON: MARIDO E MULHER (CAPÍTULO 8)

EC

Uma Biografia de Susannah Spurgeon:

Charles e Susannah Spurgeon:

Marido e Mulher

Charles Ray

Traduzido do original em Inglês

MRS. C.H. SPURGEON

A biography of Susannah Spurgeon

By Charles Ray, 1905

A presente tradução consiste somente no Capítulo 8, *Husband and Wife,* da obra supracitada

Via: ReformedReader.org

Tradução por Camila Almeida

Revisão e Capa por William Teixeira

1ª Edição: Fevereiro de 2016

Salvo indicação em contrário, as citações bíblicas usadas nesta tradução são da versão Almeida Corrigida Fiel | ACF • Copyright © 1994, 1995, 2007, 2011 Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil.

Traduzido e publicado em Português pelo website oEstandarteDeCristo.com, com a permissão do website ReformedReader.org, sob a licença Creative Commons Attribution-NonCommercialNo-Derivatives 4.0 International Public License.

Você está autorizado e incentivado a reproduzir e/ou distribuir este material em qualquer formato, desde que informe o autor, as fontes originais e o tradutor, e que também não altere o seu conteúdo nem o utilize para quaisquer fins comerciais.

Uma Biografia de Susannah Spurgeon
Charles e Susannah Spurgeon: Marido e Mulher

Por Charles Ray

[Sra. C. H. Spurgeon: Uma Biografia de Susannah Spurgeon • Capítulo 8 • 1905]

A Sra. Spurgeon, nos primeiros anos de sua vida de casada, costumava acompanhar o seu marido em suas férias, tanto na Inglaterra quanto no Continente, mas, em 1868, ela nos diz, seus dias de viagem haviam terminado. “Deste momento em diante, durante muitos anos eu fui uma prisioneira em um leito de enfermidade, e meu amado tinha que me deixar, quando a exigência de seus muitos trabalhos e responsabilidades obrigava-o a buscar descanso longe de casa. Estas separações eram muito dolorosas para corações tão ternamente unidos como eram os nossos, mas cada um de nós compartilhava a nossa quota de tristeza tão heroicamente como podíamos e a suavizávamos na medida do possível, por correspondência constante”. E que deleitosa correspondência era — cartas de amor dos melhores e mais elevados tipos. “Deus te abençoe”, escreveu o marido em uma ocasião, “e a ajude a suportar minha ausência. Melhor que esteja afastado, bem, do que em casa, sofrendo — melhor para o seu coração amoroso, eu sei. Não imagine, nem por um momento, que a ausência possa fazer nossos corações enfriarem um para com o outro; nosso apego é agora uma união perfeita, indissolúvel para sempre. Meu senso de seu valor e minha experiência de sua bondade estão agora unidos à paixão profunda do amor que estava ali, a princípio, sozinho. Todos os anos, lanço outra âncora para me segurar ainda mais firmemente a você, embora nenhuma delas fosse necessária, mesmo desde o princípio. Que o meu próprio Senhor, cuja mão castigadora exigiu esta ausência, dê-lhe uma recompensa interior na alma e também uma outra recompensa na cura do corpo! Todo meu coração permanece atentando para você”.

“Se eu apenas soubesse que você está melhor”, escreve ele em outra ocasião, “eu não acho que eu deveria ter mais o que desejar, exceto a sua companhia”, e um ou dois dias depois, “graças a Deus, pelas próprias estrelas cintilantes das melhores notícias descritas na carta que acabo de receber do seu querido ser”. Em uma carta enviada de Roma, encontramos a passagem: “Eu tinha duas daquelas preciosas cartas suas nesta manhã, que valem para mim muito mais do que todas as joias da arte antiga ou moderna. O material do qual elas são compostas é o seu valor principal, embora também não haja nenhuma habilidade mediana revelada em sua feitura. Elas são puras como alabastro, muito mais preciosas do que pórfiro ou o verde antico; não se fará menção de malaquita ou do ônix, pois o amor, supera a todos estes”.

OEstandarteDeCristo.com
Issuu.com/oEstandarteDeCristo

Facebook.com/oEstandarteDeCristo

Charles Haddon Spurgeon considerava a escrita dessas cartas mais do que um dever de amor por sua esposa. Sabendo quão pressionado ele era com outro tipo de correspondência que deveria ser feita, e com obra literária, ela muitas vezes o instou para que ele escrevesse com menos frequência para ela, de modo a descansar mais para si mesmo, mas para isso ele não dava ouvidos, e, exceto quando fazia uma longa viagem de trem, ele costumava escrever uma carta para sua esposa todos os dias em que ele estava ausente dela. “Cada palavra que escrevo”, diz ele em uma anotação, “é um prazer para mim, mais do que alguma vez pode ser para você; é apenas um monte de miscelâneas o que eu te envio, mas eu o expresso como vem, de modo que você possa ver que não me custa trabalho, mas é apenas um rabisco feliz. Não se preocupe porque eu te escrevo tantas cartas; é um prazer expressar-te a minha alegria”.

Em outro momento, quando enviando algumas canetas e rascunhos de desenhos que ele fizera dos chapéus das mulheres na Itália, ele escreve: “Agora, querida, essas ninharias podem divertir-te; eu considero um trabalho santo desenhá-los, se estes causarem em você apenas um sorriso de felicidade”. “Que eu sorria sobre eles naquela ocasião, e chore por eles agora”, disse a Sra. Spurgeon um ano ou dois atrás, referindo-se àqueles esboços e à carta que os acompanhava, “é apenas uma consequência natural da separação mais completa que Deus quis quanto a nós — ele, habitando na terra da glória, e eu, ainda tardando em meio às sombras da terra. Entretanto eu realmente acredito que quando eu unir-me a ele, ‘além do sorriso e do choro’, haverá lembranças do curso de todos esses detalhes de amor terreno e das plenitudes de bênçãos as quais ele acumulou em nossas vidas unidos. Certamente vamos falar de todas essas coisas nas pausas do adorante louvor e do serviço alegre. ‘Deve haver doce conversação no Céu entre os que amaram, sofreram e serviram juntos aqui abaixo. Próximo ao êxtase de contemplar o Rei em Sua formosura e de ver a face dAquele que nos redimiu; a Deus pelo Seu sangue, deve haver a felicidade da comunhão dos santos, naquele lugar de bem-aventurança inconcebível que Deus tem preparado para aqueles que O amam”.

Esses desencontros de marido e mulher, depois que esta tornou-se acamada, devem ter sido tristezas doloridas para o coração da Sra. Spurgeon, mas de acordo com a resolução que ela tinha feito antes e no casamento, ela nunca vacilou, mas entregou o seu amado se de bom grado para o serviço ou aos seus feriados no Continente que eram necessários para a sua saúde. “Agradeço a Deus”, disse ela no final da vida “que Ele me permitiu realizar esta determinação e me alegrar que eu não tenho motivos para censurar-me de ser um empecilho para as rodas velozes de sua vida consagrada. Eu não tomo nenhum crédito para mim mesma quanto a isso; esta era a vontade do Senhor a meu respeito, e Ele viu que eu recebi a formação necessária para isso; depois de anos eu poderia alegremente entregar o Seu servo escolhido para as demandas incessantes de seu ministério, sua obra

OEstandarteDeCristo.com
Issuu.com/oEstandarteDeCristo

Facebook.com/oEstandarteDeCristo

literária e para os múltiplos trabalhos de sua vida excepcionalmente ocupada". Que isso não era gloriar-se de forma vã e vazia foi amorosamente confirmado por uma carta que C. H. Spurgeon escreveu para sua esposa, em 1871, no qual ele declarou: "Ninguém sabe como sou grato a Deus por você. Em tudo o que eu já fiz para Ele, você tem uma grande participação, pois em fazer-me tão feliz você me capacitou para o serviço. Nem um pouquinho de poder alguma vez foi perdido para a boa causa por meio de você. Eu servi ao Senhor muito mais, e nunca menos, devido ao seu doce companheirismo".

Sola Scriptura!
Sola Gratia!
Sola Fide!
Solus Christus!
Soli Deo Gloria!

OEstandarteDeCristo.com
Issuu.com/oEstandarteDeCristo

OUTRAS LEITURAS QUE RECOMENDAMOS

Baixe estes e outros e-books gratuitamente no site oEstandarteDeCristo.com.

- 10 Sermões — R. M. M'Cheyne
- Adoração — A. W. Pink
- Agonia de Cristo — J. Edwards
- Batismo, O — John Gill
- Batismo de Crentes por Imersão, Um Distintivo Neotestamentário e Batista — William R. Downing
- Bênçãos do Pacto — C. H. Spurgeon
- Biografia de A. W. Pink, Uma — Erroll Hulse
- Carta de George Whitefield a John Wesley Sobre a Doutrina da Eleição
- Cessacionismo, Provando que os Dons Carismáticos Cessaram — Peter Masters
- Como Saber se Sou um Eleito? ou A Percepção da Eleição — A. W. Pink
- Como Ser uma Mulher de Deus? — Paul Washer
- Como Toda a Doutrina da Predestinação é corrompida pelos Arminianos — J. Owen
- Confissão de Fé Batista de 1689
- Conversão — John Gill
- Cristo É Tudo Em Todos — Jeremiah Burroughs
- Cristo, Totalmente Desejável — John Flavel
- Defesa do Calvinismo, Uma — C. H. Spurgeon
- Deus Salva Quem Ele Quer! — J. Edwards
- Discipulado no T empo dos Puritanos, O — W. Bevins
- Doutrina da Eleição, A — A. W. Pink
- Eleição & Vocação — R. M. M'Cheyne
- Eleição Particular — C. H. Spurgeon
- Especial Origem da Instituição da Igreja Evangélica, A — J. Owen
- Evangelismo Moderno — A. W. Pink
- Excelência de Cristo, A — J. Edwards
- Gloriosa Predestinação, A — C. H. Spurgeon
- Guia Para a Oração Fervorosa, Um — A. W. Pink
- Igrejas do Novo Testamento — A. W. Pink
- In Memoriam, a Canção dos Suspiros — Susannah Spurgeon
- Incomparável Excelência e Santidade de Deus, A — Jeremiah Burroughs
- Infinita Sabedoria de Deus Demonstrada na Salvação dos Pecadores, A — A. W. Pink
- Jesus! – C. H. Spurgeon
- Justificação, Propiciação e Declaração — C. H. Spurgeon
- Livre Graça, A — C. H. Spurgeon
- Marcas de Uma Verdadeira Conversão — G. Whitefield
- Mito do Livre-Arbítrio, O — Walter J. Chantry
- Natureza da Igreja Evangélica, A — John Gill
- Natureza e a Necessidade da Nova Criatura, Sobre a — John Flavel
- Necessário Vos é Nascer de Novo — Thomas Boston
- Necessidade de Decidir-se Pela Verdade, A — C. H. Spurgeon
- Objeções à Soberania de Deus Respondidas — A. W. Pink
- Oração — Thomas Watson
- Pacto da Graça, O — Mike Renihan
- Paixão de Cristo, A — Thomas Adams
- Pecadores nas Mãos de Um Deus Irado — J. Edwards
- Pecaminosidade do Homem em Seu Estado Natural — Thomas Boston
- Plenitude do Mediador, A — John Gill
- Porção do Ímpios, A — J. Edwards
- Pregação Chocante — Paul Washer
- Prerrogativa Real, A — C. H. Spurgeon
- Queda, a Depravação Total do Homem em seu Estado Natural..., A, Edição Comemorativa de Nº 200
- Quem Deve Ser Batizado? — C. H. Spurgeon
- Quem São Os Eleitos? — C. H. Spurgeon
- Reformação Pessoal & na Oração Secreta — R. M. M'Cheyne
- Regeneração ou Decisionismo? — Paul Washer
- Salvação Pertence Ao Senhor, A — C. H. Spurgeon
- Sangue, O — C. H. Spurgeon
- Semper Idem — Thomas Adams
- Sermões de Páscoa — Adams, Pink, Spurgeon, Gill, Owen e Charnock
- Sermões Graciosos (15 Sermões sobre a Graça de Deus) — C. H. Spurgeon
- Soberania da Deus na Salvação dos Homens, A — J. Edwards
- Sobre a Nossa Conversão a Deus e Como Essa Doutrina é Totalmente Corrompida Pelos Arminianos — J. Owen
- Somente as Igrejas Congregacionais se Adequam aos Propósitos de Cristo na Instituição de Sua Igreja — J. Owen
- Supremacia e o Poder de Deus, A — A. W. Pink
- Teologia Pactual e Dispensacionalismo — William R. Downing
- Tratado Sobre a Oração, Um — John Bunyan
- Tratado Sobre o Amor de Deus, Um — Bernardo de Claraval
- Um Cordão de Pérolas Soltas, Uma Jornada Teológica no Batismo de Crentes — Fred Malone



2 Coríntios 4

[1] Por isso, tendo este ministério, segundo a misericórdia que nos foi feita, não desfalecemos; [2] Antes, rejeitamos as coisas que por vergonha se ocultam, não andando com astúcia nem falsificando a palavra de Deus; e assim nos recomendamos à consciência de todo o homem, na presença de Deus, pela manifestação da verdade. [3] Mas, se ainda o nosso evangelho está encoberto, para os que se perdem está encoberto. [4] Nos quais o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus. [5] Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus, o Senhor; e nós mesmos somos vossos servos por amor de Jesus. [6] Porque Deus, que disse que das trevas resplandecesse a luz, é quem resplandeceu em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo. [7] Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus, e não de nós. [8] Em tudo somos atribulados, mas não angustiados; perplexos, mas não desanimados. [9] Perseguidos, mas não desamparados; abatidos, mas não destruídos; [10] Trazendo sempre por toda a parte a mortificação do Senhor Jesus no nosso corpo, para que a vida de Jesus se manifeste também nos nossos corpos; [11] E assim nós, que vivemos, estamos sempre entregues à morte por amor de Jesus, para que a vida de Jesus se manifeste também na nossa carne mortal. [12] De maneira que em nós opera a morte, mas em vós a vida. [13] E temos portanto o mesmo espírito de fé, como está escrito: Cri, por isso falei; nós cremos também, por isso também falamos. [14] Sabendo que o que ressuscitou o Senhor Jesus nos ressuscitará também por Jesus, e nos apresentará convosco. [15] Porque tudo isto é por amor de vós, para que a graça, multiplicada por meio de muitos, faça abundar a ação de graças para glória de Deus. [16] Por isso não desfalecemos; mas, ainda que o nosso homem exterior se corrompa, o interior, contudo, se renova de dia em dia. [17] Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós um peso eterno de glória mui excelente; [18] Não atentando nós nas coisas que se veem, mas nas que se não veem; porque as que se veem são temporais, e as que se não veem são eternas.